

# APRENDI OUTRO JEITO DE VIVER

TRADIÇÕES E NOVOS CONHECIMENTOS NAS TERRAS  
OESTE DO RIO GRANDE DO NORTE



COMISSÃO PASTORAL DA TERRA



EXPEDIENTE:  
APRENDI OUTRO JEITO DE VIVER

ORGANIZAÇÃO E TEXTOS:  
ANTONIO NILTON BEZERRA JUNIOR  
CARMELO FIORASO  
HIBERLÂNDIA FERREIRA DE ANDRADE  
MARLUCE MELO

EQUIPE CPT MOSSORÓ:  
ANTONIO NILTON BEZERRA JUNIOR  
HIBERLÂNDIA FERREIRA DE ANDRADE  
JOSÉ CARLOS DA SILVA  
TIAGO MELO

ENTREVISTAS:  
CARMELO FIORASO  
MARLUCE MELO

TRANSCRIÇÃO:  
CARMELO FIORASO

FOTOS:  
CARMELO FIORASO  
ROBERTO FIORASO  
ARQUIVO CPT NE II

PUBLICAÇÃO:  
COMISSÃO PASTORAL DA TERRA NORDESTE II  
2014

PROJETO GRÁFICO:  
CARMELO FIORASO

APOIO:

REVISÃO:  
GERALDO DE SOUZA SANTOS  
SANDRA ANDRADE SILVA

HEIFER INTERNACIONAL PROGRAMA  
BRASIL E ARGENTINA  
MISEREOR  
HORIZONT3000

TIRAGEM:  
1000 EXEMPLARES

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE APODI

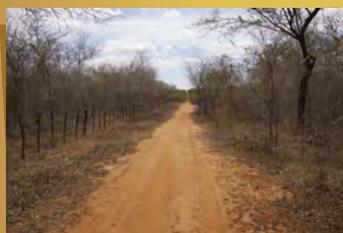
ISBN 978-85-415-0287-0



## ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
O AGRONEGÓCIO QUER ACABAR COM A PRODUÇÃO CAMPONESA	6
O AGRONEGÓCIO ENVENENA AS FRUTAS NA REGIÃO DE ASSÚ	7
AGRONEGÓCIO QUER ACABAR COM AS SEMENTES NATIVAS	8
O AGRONEGÓCIO AMEAÇA PRODUÇÃO CAMPONESA NA CHAPADA DE APODI	8
ENFRENTANDO O AGRONEGÓCIO E FORTALECENDO O TERRITÓRIO CAMPONÊS	10
AGROECOLOGIA E REFORMA AGRÁRIA	12
AGROECOLOGIA E PRESERVAÇÃO DAS SEMENTES	13
PLANTANDO O FUTURO	14
AGROECOLOGIA E OS QUINTAIS PRODUTIVOS	15
AGROECOLOGIA E MANEJO SUSTENTÁVEL DA CAATINGA	17
MANEJO DA CAATINGA E CAPRINOCULTURA	19
MANEJO DA CAATINGA E APICULTURA	20
AGROECOLOGIA E AUTONOMIA DA MULHER CAMPONESA	21
LUTANDO PELA AGROECOLOGIA E CONTRA O PROJETO DE IRRIGAÇÃO	22
DESAFIOS E PERSPECTIVAS	23
TRADIÇÕES E NOVOS CONHECIMENTOS	24





# APRESENTAÇÃO

Esta cartilha é um relato das experiências agroecológicas e de convivência com o semiárido, desenvolvidas por cerca de 350 famílias de comunidades e assentamentos da região Oeste do Rio Grande do Norte. Foi elaborado a partir de um processo de sistematização participativa entre as Comunidades e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Este processo foi realizado em outras cinco comunidades camponesas dos estados da Bahia, Minas Gerais e Pernambuco. A iniciativa faz parte das ações da CPT voltadas para o apoio à defesa dos direitos das comunidades tradicionais nestes estados. O processo de sistematização contou com a contribuição e suporte da Heifer Internacional Brasil-Argentina.

A região é marcada pela disputa de dois modelos de agricultura. De um lado: a agricultura camponesa que preserva a vida, a natureza e produz alimentos saudáveis. Do outro lado: o modelo que produz a morte, o agronegócio – processo de reprodução ampliada do capital que opera o atual modelo agrário-agrícola e que só pensa no lucro, envenena os alimentos, concentra a terra, a água, a renda, destrói a natureza, contamina o solo, polui os rios e as fontes.

Desde a década de 80 a presença do agronegócio vem prejudicando as famílias que vivem na região Oeste do Rio Grande do Norte. Estas famílias porém, decidiram organizar-se e lutar para mudar a realidade que o agronegócio tinha posto em seu território. Assim, na década de 90 iniciaram a luta pela terra e pela Reforma Agrária. Conquistaram diversos assentamentos. Em 2009, as famílias organizadas em seis assentamentos nos municípios de Assú, Upanema, Baraúna, Governador Dix-Sept Rosado e Apodi decidiram fortalecer o modelo de produção agroecológica, uma forma de resistência contra o capital posto no seu território. Buscaram o apoio das famílias da Chapada do Apodi e de comunidades da Paraíba, que já vinham desenvolvendo experiências bem sucedidas de convivência com o semiárido.





Em 2010 toda a diversidade de experiências camponesas passaram a ser ameaçada de destruição com a proposta de implementação do Projeto de Irrigação da Chapada do Apodi. O projeto já foi aprovado pelo Governo Estadual e Federal e prevê entregar as terras da Chapada do Apodi e a água da barragem de Santa Cruz para cinco grandes empresas da fruticultura irrigada.

As comunidades de Apodi vem enfrentando este projeto de irrigação não aceitando as indenizações oferecidas pelo governo, com denúncias, mobilizações e Audiências Públicas. A solidariedade das outras comunidades, e de outras regiões do estado, tem fortalecido a luta em Apodi.



O registro das experiências de agroecologia, convivência com o semiárido e de resistência ao agronegócio que aqui se encontram foram relatada por estes homens e mulheres da Região Oeste do Rio Grande do Norte. O objetivo é que este material possa ser compartilhado e utilizado por outras comunidades camponesas, escolas rurais e organizações populares. Esperamos que os depoimentos aqui reunidos possam cumprir com o papel de animar os processos que reforçam a tradição de resistência camponesa.

## O AGRONEGÓCIO QUER ACABAR COM A PRODUÇÃO CAMPONESA

Foi a partir dos anos 80, que o agronegócio se instalou na região Oeste do Rio Grande do Norte no Vale do Assú e hoje afeta gravemente a agricultura camponesa no Vale do Apodi; A produção de melão, banana e manga em larga escala para exportação provocou prejuízos para a produção camponesa e para a população da região.

Com o agronegócio chegou os agrotóxicos nos plantios das frutas, o aumento da concentração de terras e água, e a submissão de centenas de trabalhadores e trabalhadoras à escravidão.

As famílias que foram expulsas do campo passaram a trabalhar para as empresas, viver nas periferias em péssimas condições de habitação, saneamento e saúde. Outras centenas de famílias que produziam milho e feijão tiveram que se submeter ao projeto do agronegócio e produzir frutas com o manejo imposto pelas Empresas: uso intensivo de agrotóxicos.



## O AGRONEGÓCIO ENVENENA AS FRUTAS NA REGIÃO DE ASSÚ

"Trabalhei com veneno durante uns três anos e meio. Durante este tempo fiquei grávida da minha filha. Minha menina quando nasceu, nasceu com problema de saúde, respiratório, por conta de tanto eu trabalhar no veneno. Eu trabalhava na Frunorte. Eles não respeitavam nem os nossos direitos. Se eu tava grávida e eu pedia pra ir pra outro trabalho eles diziam que não ofendia e que eu tinha que continuar e diziam assim: "Se você pedir mais uma vez a gente põe você pra fora, por justa causa". Era quase que nem uma escravidão."

Ana Maria - Assentamento Maurício de Oliveira - Assú-RN



"Meu marido trabalhava nas empresas de melão, manga e uva aplicando veneno. Vivia sempre doente. Até o dia que ficou tão doente por conta do veneno que não teve mais condições de trabalhar."

Ana Cristina de Mendonça - Acampamento Coração de Jesus - Assú-RN



"Já trabalhei muito com veneno, hoje não quero mais nem vê"! Peguei um grande trauma, tenho problemas de respiração por causa do uso de veneno. Antes eu ria bastante, hoje não consigo nem fazer isso por que fico cansado e com a respiração curta."

Manoel Edezio de Araújo - Acampamento Coração de Jesus - Assú-RN



## AGRONEGÓCIO QUER ACABAR COM AS SEMENTES NATIVAS

*"Tem gente que destrói a natureza e muitas vezes sem saber. A culpa é do agronegócio que produz as sementes ligeiras para acabar com as sementes dos nossos antepassados. Muita gente usa as sementes ligeiras que são produzidas pelas empresas. Essas sementes ligeiras é o seguinte: tudo tem que ser no tempo, tem que ter chuva no tempo, tem que ser limpa no tempo, não pode sofrer mato, não pode sofrer verão, não pode sofrer molhado demais, tudo por ele tem que ser no tempo. Já teve aqui na comunidade gente plantando e nos anos seguintes não germinaram, porque eram sementes que as empresas só pensam no lucro. As sementes transgênicas também não tem vida."*

*Antônio Rodrigo Rosário, Assentamento Tabuleiro Grande, Apodi-RN*

### O AGRONEGÓCIO AMEAÇA PRODUÇÃO CAMPONESA NA CHAPADA DE APODI

Em 2010 a região da Chapada do Apodi, que é rica em experiências de convivência com o semiárido, passou a sofrer com as ameaças do agronegócio. As experiências agroecológicas de produção de milho, feijão, arroz, frutas, verduras e criação de animais de pequeno e médio porte, correm risco de desaparecer com a implementação do Projeto de Irrigação da Chapada do Apodi. Além de afetar a produção agroecológica, as famílias estão sendo ameaçadas de expulsão do local onde sempre viveram. Com isso percebemos que as ações políticas delineadas pela modernização representa a negação do processo de vida tradicional dos trabalhadores e trabalhadoras do campo.



*"O agronegócio quer enterrar agricultura familiar. A reforma agrária não avançou nos últimos anos. Não foi desapropriada nenhuma terra em conflito. Muita gente acha que o governo não tem dinheiro para reforma agrária e que não tem mais terra para desapropriar em Apodi. Como é que governo encontrou terra para desapropriar de uma vez só 13 mil hectares para o projeto de irrigação beneficiar 5 empresas?"*

*Edilson Neto - Agricultor e Presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Tra-*

*balhadoras Rurais de Apodi-RN*

"O DNOCS chegou em Apodi dizendo que ia nos desapropriar, eu comecei a participar das reuniões desde começo. Já fui pra Natal, já fiz parte de muito movimento em Apodi no sindicato na comunidade e tudo o movimento que se dirige contra o DNOCS eu fico participando não só eu mas varias companheiras do assentamento. Consegui trazer o grupo das mulheres para assistir as reuniões. audiências publicas. Eles chegaram dizendo que já tinha negociado com eles. Isso é mentira nos não negociamos com eles. Estamos resistindo porque a lutas da mulheres lá é mais forte que dos homens, as mulheres sempre estão na frente da luta".

José Holanda, Assentamento Moacir Lucena localizado na chapada do Apodi RN



"Este projeto eu sou muito contra e moro em um assentamento que vai ser atingido. A gente planta sem veneno no assentamento e aí nossas plantas vai ser atingida pelo veneno, porque as empresas vão plantar com veneno e vai chegar até nossas plantações. As nossas abelhas vai morrer também por causa deste veneno, a água vai ser atingida também, resumindo tudo vai ser atingido, a população vai ser atingida por este projeto. Já tem experiências de vários projeto aí que não deu certo. Os vizinhos da gente do Ceará tem este projeto que devastou tudo, acabou com a terra e a gente é o que mais precisa é da terra para sobreviver, agente precisa da água. Sou muito contra o projeto de irrigação e luto pra ele não se implantar. Já participei de muitas reuniões para barrar este projeto porque vai ser péssimo para a natureza e para o ser humano sobreviver com um projeto desse." Maria Lucineide, Assentamento Caiçara, Apodi-RN



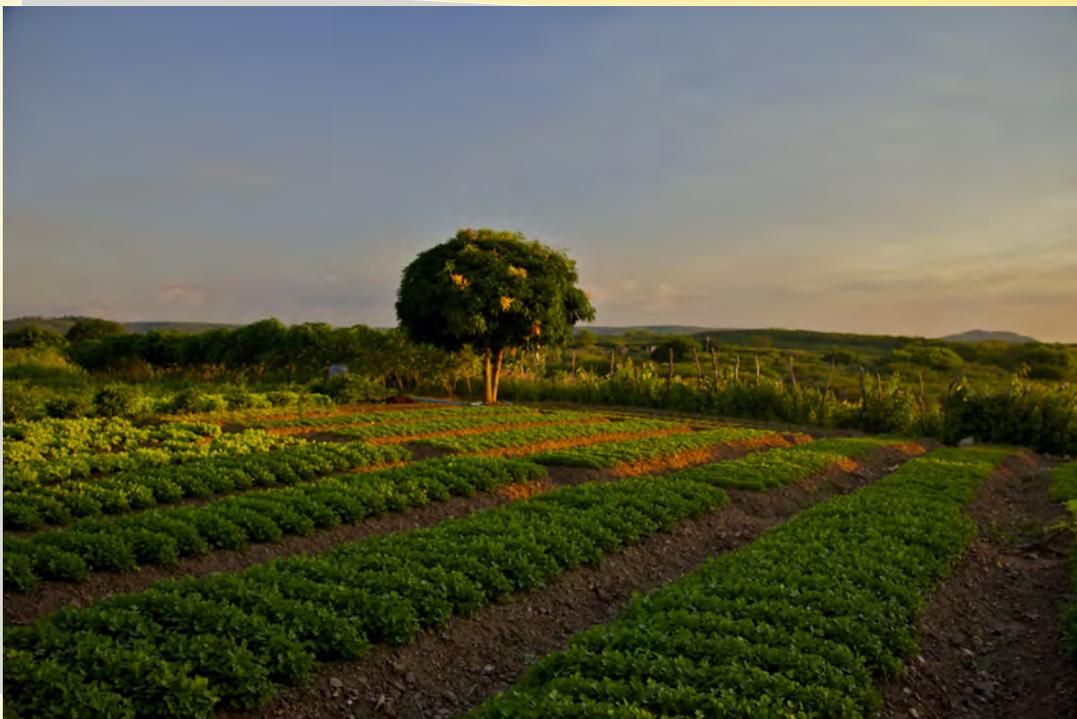
## ENFRENTANDO O AGRONEGÓCIO E FORTALECENDO O TERRITÓRIO CAMPONÊS

No final de 2009, cerca de 350 famílias de assentamentos da Reforma Agrária na região oeste do RN, decidiram fortalecer suas organizações para enfrentar o agronegócio, resgatar as formas de produção de seus antepassados, se alimentar de produtos saudáveis e proteger a natureza. Para que isso fosse possível, as famílias trabalharam em conjunto, através de trocas de experiências, intercâmbio, oficinas e cursos.

A partir deste processo, comunidades da Chapada do Apodi repassaram para as demais famílias as suas experiências bem sucedidas de convivência com o semiárido e de agroecologia. Com isso, as famílias iniciaram a implantação das experiências de convivência com o semiárido, como os quintais produtivos, viveiros de mudas, manejo da caatinga e banco de sementes.

### AGROECOLOGIA E REFORMA AGRÁRIA

*"Eu entrei na Reforma Agrária e minha vida mudou bastante, pra melhor, por que hoje eu tenho um lote, tenho uma vaca, tenho essa casa, muito boa, tenho o meu quintal bem organizado e vai ficar melhor. Já fiz curso de doce e também estou trabalhando com arte, com argila artesanal. A gente mexer com hortaliça, com argila, que isso aqui é a cara da gente. É muito gostoso trabalhar com a argila, a gente se sente bem pensativo, a gente é fazendo, imaginando, e pensando e discutindo com aquela outra pessoa que está ao lado da gente." Hei, dá certo?" Ai diz: "Dá" Então vamos fazer!" Ana Maria - Assentamento Maurício de Oliveira, Assú-RN*





"Trabalhava na empresa aplicando veneno. Fui pra luta pela reforma agrária. Agora eu estou em outro sistema, trabalhando no sistema agroecológico, que ajuda a natureza e ajudar a natureza é muito bom. Eu mesmo aqui conheci e aprendi outro jeito de viver, eu estou fazendo um viveiro, vou fazer enxerto e vou continuar a mudar minha vida. E agora já tenho um bocado de coisa plantada, estou aqui vivendo, sem esquentar a cabeça e sem trabalhar com veneno, sem morrer de fome. Estou comendo comida limpa."  
Damião Francisco Gomes, Assentamento Maurício Oliveira, Assú-RN

"O sonho do meu marido sempre foi ter uma terrinha pra cultivar, pra plantar e o meu sonho também. É o sonho da nossa família. Resolvemos ir para uma ocupação de terra e recomeçar a vida. Antigamente plantava e combatia as pragas da plantação com veneno, então nas reuniões, cursos e intercâmbios aprendi que tem outra maneira de combater. A agroecologia é a melhor forma de proteger a natureza e as pessoas."  
Ana Cristina de Mendonça - Acampamento Coração de Jesus, Assú-RN

"Hoje sou assentado no assentamento Terra de Esperança, no Município do Governador Dix-Sept Rosado. Depois das reuniões, cursos que participei e as conversas com os companheiros do assentamento mudei meu jeito de trabalhar. Iniciei com um jeito que protege a natureza."  
Antônio Martins de Oliveira Neto - Assentamento Terra de Esperança, Governador Dix-Sept Rosado-RN



"Na agroecologia a gente busca informações, ganha capacitação para que a gente possa desenvolver um trabalho junto com as famílias, para no futuro bem próximo a gente deixar um bom resultado para os filhos. Esta é a razão do trabalho da gente: deixar nossos filhos com um bom conhecimento."  
Ivone Brilhante - Presidenta do Assentamento Sítio do Góis, Apodi-RN

## AGROECOLOGIA E PRESERVAÇÃO DAS SEMENTES

Na Chapada do Apodi, as famílias passaram a priorizar a preservação das sementes nativas, como faziam seus antepassados. Iniciaram uma campanha de trocas e doação de sementes de milho e feijão. O grupo Guardiões das sementes conseguiu com as trocas diversificar as espécies e iniciar a implantação do Banco Comunitário Mãe a partir de doações dos bancos familiares.

*"Sou agricultor e experimentador e estou dando continuidade ao banco de sementes. Em 2011 a gente teve uma reunião com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Apodi e com a CPT. Vieram na minha casa e tomaram conhecimento que eu tinha um banco de sementes. São sementes que há mais de 100 anos vêm sendo plantadas sem usar veneno por minha família. Esta é a herança do meu pai, que morreu faltando dois meses pra fazer 100 anos. Então, todos acharam que era muito importante a gente fazer um banco de sementes comunitário. O amanhã ninguém sabe, mas pode ser preciso fazer uma recuperação da nossa área, e se não tem sementes, não tem como fazer."*

*Antônio Rodrigo do Rosário - Assentamento Tabuleiro Grande, Chapada do Apodi, município de Apodi-RN*



" Eu participo do banco de sementes, é uma ideia muito boa. Alguns companheiros participam, mas outros ainda não estão participando. O mais importante é que esse ano eu usei semente nativa e não usei veneno de maneira nenhuma, e assim é bom pra saúde, temos vida longa. Graças a Deus, deu uma boa safra. A minha safra foi maior do que a do outro ano. Deu mais milho. Esse ano, plantei a semente de milho, feijão e arroz. Agora, guardo a semente nativa de feijão, milho e arroz vermelho também. Recebi semente do sindicato, semente de milho. Dois tubos de dois litros. Vou pagar com 3 tubos. Devolvemos a semente ao Sindicato para garantir que o banco dê sementes para o próximo ano. Quem precisar, vem buscar. Se levarmos as sementes e não trazermos, aí o banco vai a falência. Temos que levar e trazer. É mais interessante. Estou feliz guardando a semente. Quando chegar o inverno já tem garantida a semente em casa." Francisco da Silva - Associação Baixa Fechada 2, no Vale do Apodi-RN

" Eu sou Francisca Francina Mota de Melo, da comunidade de Santa Cruz 2, localizada no município de Apodi, e faço parte da comissão do idoso do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com muita honra, muito carinho. Acerca do movimento da recuperação da semente crioula, semente nativa, como chamamos, é algo que me chama muito a atenção, inclusive na minha comunidade. Eu faço trabalho com idosos em cinco comunidades e faço questão de divulgar essa possibilidade de resgatar as sementes nativas. Existem muitas pessoas envolvidas, inclusive na minha comunidade tem um grupo que começou recentemente, que faz parte do STR e desse movimento da semente, e eles tem um apreço muito grande pelo resgate das sementes nativas, é viável! A gente sabe que hoje todas as sementes que estão surgindo estão contaminadas, com venenos, e podem matar.



A construção de um viveiro possibilitou a implantação dos quintais produtivos, manejo de caatinga e recuperação ambiental, e o resgate das plantas nativas.

*"Eu aprendi outro jeito de viver, eu estou fazendo um viveiro, doei muitas mudas para outras comunidades plantar nos quintais produtivos e nos manejos da caatinga, vendi e lucrei um pouco, vou fazer enxerto e vou continuar a mudar minha vida de novo." Damião Gomes, Assentamento Maurício Oliveira, Assú-RN*



## AGROECOLOGIA E OS QUINTAIS PRODUTIVOS

Foram implantadas 325 quintais produtivos. Em cada quintal há verduras, fruteiras, plantas medicinais e criação de animais de pequeno porte. Os quintais produtivos têm mudado a vida das famílias. As mudanças são observadas na alimentação, renda familiar, climatização das casas, embelezamento do assentamento e, sobretudo, na auto-estima das mulheres.



*"A gente começou, há três meses, a plantar um canteiro. Plantamos pra fazer um teste, se aquele canteiro iria produzir, se iria dar certo começar a experiência de quintal produtivo. Foi no final do período de chuva que a gente iniciou o plantio. Uns diziam: "Não vai dar certo, vai queimar tudo!" E a gente dizia: A gente vai tentar, assim no inverno a gente vai produzir também. E assim a gente começou. E tá aí, deu certo! A gente tá tentando aumentar cada dia que passa. Com 30 dias, a gente teve uma produção que está sobrando na panela, já estamos levando pra feira de agricultura orgânica que existe em Upanema. E é assim, a gente espera que as coisas só tendam a melhorar, cada vez mais." Ilamarck Pereira Santos, Assentamento Padre Pedro Neefs, Upanema-RN*

" Eu sempre tive vontade de fazer meu quintal e o pessoal da CPT sempre deram a maior força a gente, o apoio, várias visitas. Estou fazendo o quintal dos meus sonhos, coisa que eu nunca tive. E fazemos isso preservando a natureza.

Eu digo: " vamos preservar, isso aqui é uma coisa nossa, isso aqui é vida, isso aqui é onde nós tira nosso sustento. No meu quintal tem pé de manga, coqueiro, tangerina, carambola, siringuela, goiabeira, graviola, acerola, minha horta e plantas medicinais. Tenho até noni que consegui num intercambio e hoje já comercializo." . Ana Maria, Assentamento Mauricio de Oliveira, Assú-RN

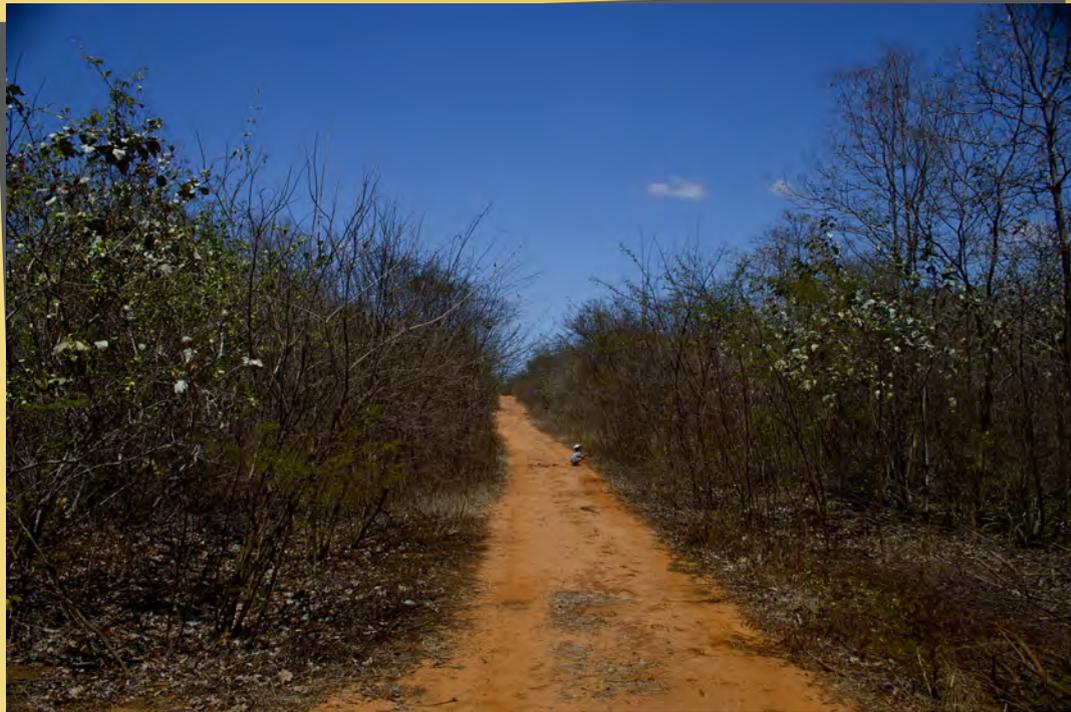
" Eu nunca tinha plantado horta, ai comecei a fazer uma para experimentar e gostei. Então iniciei outras. Hoje, tenho pra mim e para os outros. Quando chega um vizinho, eu digo que podem pegar aqui da horta. Comecei aqui, plantando para a panela, agora já está sobrando, já estamos levando para feira. A nossa animação é para produzir mais. Daqui uns dias, a gente aumenta a nossa renda. As vezes o cabra diz:



" Rapaz, isso é um negócio pra entreter, é só pra ajudar na feira." Ai eu digo ao cabra: " Rapaz, é pra ajudar na feira. Agora se o camarada tivesse incentivo, e tivesse condições de plantar a vontade, nem precisava do camarada tirar um pau de lenha, nem desmatar a floresta". Por aqui dá pro camarada ir vivendo um serviço bem mais maneiro, e dá pro camarada tá sempre por casa, cuidando de um bichinho, cuidando do quintal, ajeitando o lote, a horta. E a gente dava pra fazer a feira a partir da produção daqui." Francisco de Lima Júnior - Assentamento Padre Pedro Neefs, Upanema-RN

## AGROECOLOGIA E MANEJO SUSTENTÁVEL DA CAATINGA

O manejo sustentável da caatinga é uma das alternativas de fundamental importância para viver no semiárido preservando o bioma caatinga, produzindo alimentos e ração animal. A partir de discussões nas oficinas e cursos os assentados implantaram cinco unidades demonstrativas.



*"O Manejo da caatinga é muito importante para os trabalhadores rurais e para a comunidade porque ele trás a maneira mais correta de trabalhar da maneira mais sustentável, segurar a terra, criar animais, fazer que outros animais ressurgam, criar abelhas e resgatar as abelhas nativas que tinha sumido e hoje estão voltando com o manejo. Também na questão da madeira, podemos tirar ela na época certa e no jeito certo e plantar. Desta forma, o manejo vai dar sustentabilidade no campo, manter a gente no campo e vamos ter a renda da questão da madeira retirada da forma correta." Antonio Martins de Oliveira Neto, Assentamento Terra de Esperança, no Município do Governador Dix-sept Rosado-RN*



" A gente está buscando trabalhar o meio ambiente porque a gente vê que se você não tem um bom manejo na agricultura familiar você não vai ter um bom resultado. Manejo da caatinga, apicultura, tudo isso depende do meio ambiente. A gente depende do meio ambiente para sobreviver, por exemplo, se a gente não faz um bom trabalho no manejo da caatinga na agrofloresta, amanhã ou depois não vai existir nada disso pra a gente. Só tirando e não dar nada em troca, amanhã ou depois a natureza vai negar o nosso pão." Ivone Brilhante - Assentamento Sítio do Gois, Apodi-RN



" Eu trabalhei muito tempo com meu pai na agricultura há vários anos atrás e gostava, estou gostando ainda mais neste tipo de manejo. Estou aprendendo, eu quero levar pro meu lote, eu sei que é muito importante porque a gente vê que o manejo recupera muita terra, recupera a madeira. Desmatar através do trator isso é um mal que grande parte faz a natureza, destruindo a terra. Tem que ser do jeito que a gente está fazendo: fica pastando animais em uma área pequena de 20 metros por 100 de comprimento, dá para os animais pastar vários dias, por exemplo, e depois passa pra outra área. Eu dou valor ao que estou aprendendo e quero que muitos companheiros sigam nosso caminho e implante o manejo da caatinga porque vale apenas mesmo." José da Silva, Assentamento Terra de Esperança, Governador Dix-Sept Rosado-RN.

## MANEJO DA CAATINGA E CAPRINOCULTURA

Os rebanhos caprino e ovino desempenham papel de grande importância econômica no Oeste do Rio Grande do Norte. O conhecimento adquirido nas oficinas e cursos de formação possibilitou o uso de técnicas de produção e conservação de forragens, em conjunto com o manejo sustentável da caatinga. O potencial produtivo do rebanho foi melhorado como também a produção do leite, do queijo e carne.

*"Já tínhamos conhecimento do potencial da Caprinocultura, mas ainda precisava ser melhorada, conseguimos melhorar o rebanho, colocando reprodutor e matriz com aptidão leiteira. O manejo sustentável da caatinga ajudou muito na melhoria do rebanho. É importante ter um bom rebanho porque as crianças e todas as famílias se alimentam muito de leite. Com a elevação da produção, o próprio leite pode ser comercializado para as indústrias de laticínios da cidade e também podemos abranger o mercado com a produção de queijos com leite de cabra."*

*José de Holanda - Assentamento Moacir Lucena, Chapada do Apodi-RN*



## MANEJO DA CAATINGA E APICULTURA

A região de Apodi é o segundo maior produtor de mel de abelhas do Brasil. Abastece o mercado local e exporta para o sudeste e sul do país. A implantação do manejo da caatinga nos assentamento aumentou a produção e o resgate das abelhas nativas.

*"Depois que saí da empresa onde trabalhava com veneno e entrei numa ocupação da Reforma Agrária minha vida melhorou. Embora ainda tenho doença respiratória por conta do veneno eu tenho uma alimentação saudável que está limpando meu corpo. Eu crio abelha me alimento do mel e do própolis e também comercializo. O mel ajuda a preservar a natureza e dá uma renda boa.*

*Manoel Edezio de Araújo - Acampamento Coração de Jesus, Assú-RN*

*"A Apicultura foi iniciada com 10 caixas para cada família. Hoje tem família com mais de 100, 120 caixas. Isso dá uma injeção muito alta na renda familiar no final do ano. Mesmo vivendo no semi-árido nordestino, a perspectiva é de que seja sempre um ano bom, mesmo que a gente passe por experiências não desejadas como a seca do ano passado."*

*José de Holanda - Assentamento Moacir Lucena, Chapada do Apod-RN*



No início foi muito difícil a participação das mulheres dos assentamentos nas reuniões, oficinas, cursos e intercâmbios. Alegavam que tinham muitas tarefas em casa e nos roçados, e que os maridos não gostavam que participassem das atividades. A CPT fez um trabalho casa por casa, mulher por mulher e depois iniciou a organização dos grupos de mulheres nos assentamentos. A partir das discussões nos grupos começaram a participar das oficinas, cursos e intercâmbios adquiriram novos conhecimentos e desempenham um papel fundamental na construção das experiências agroecológicas.

*"Meu marido não deixava eu ir para os encontros. O primeiro que fui ele disse que eu não ia mais entrar dentro de casa e chamou os meus filhos e disse: "olhe se ela vai para Mossoró eu não deixo mais ela entrar dentro de casa". Mesmo assim fui morrendo de medo. Quando voltei, ele passou uma semana sem falar comigo. Com o tempo ele foi aceitando e hoje vou para todos os encontros e ele até manda eu ir."*  
Ana Maria - Assentamento Maurício Oliveira, Assú-RN.

*"As reuniões das mulheres são muito importante para nós. A gente discute sobre violência contra mulher e agroecologia. Foi a partir dos intercâmbios que comecei a melhorar o meu quintal, fiz a experiência do canteiro econômico. Minhas plantas estão lindas!"*  
Samara Rejane dos Santos - Assentamento Maurício Oliveira, Assú-RN.

*"Tenho participado das reuniões de grupo de mulheres e dos cursos com apoio da CPT. Nesse grupo eu aprendi a mudar o meu jeito de plantar. Já aprendi várias coisas sobre os direitos das mulheres. Aprendi que antigamente nos assentamentos a terra tinha como titular o homem. Tudo só era pro homem e hoje em dia não, muitas titulares são mulheres e nós temos nossos direitos".*  
Ana Cristina, Acampamento Coração de Jesus, Assú-RN

*"As reuniões das mulheres são importantes. Nós mulheres nos tornamos grandes. É através do grupo que vamos participar de encontros fora do assentamento, conhecendo as boas experiências e trazendo as discussões para nossa família. Isto ajuda o fortalecimento da luta pelos direitos das mulheres, valoriza nosso trabalho. As reuniões são importantes porque conhecendo os nossos direitos, podemos colocá-los em funcionamento."*  
Maria de Fátima Estevão - Assentamento 09 de Outubro, Caraúbas-RN

## LUTANDO PELA AGROECOLOGIA E CONTRA O PROJETO DE IRRIGAÇÃO

Quando foi anunciado que o projeto de Irrigação iria ser implantado na Chapada, o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Apodi e a Comissão Pastoral da Terra-CPT iniciaram uma campanha contra o projeto. Essa campanha ganhou força com a unificação de todos os movimentos sociais do campo como a FETARN, FERTAF, MST, MLST, CUT e diversas entidades de apoio aos camponeses e camponesas fazendo ressurgir o Fórum do Campo Potiguar-FOCAMPO.

Várias atividades foram realizadas entre os quais destacamos as reuniões nas comunidades, os intercâmbios a região de Russas-CE, Seminários, mobilizações de rua e audiências com o DNOCS, Ministro da Integração Nacional e Ministro da Secretaria Geral da Presidência.

A luta de resistência do território camponês da Chapada do Apodi extrapolou os limites do Rio Grande do Norte e tornou-se uma luta nacional de todos e todas que defendem vida com dignidade no campo.

*" Achamos importante que a cidade também tomasse conhecimento porque produzimos alimentos para a cidade. Nessa luta de denúncias estamos trabalhando junto com a cidade fazendo reuniões na cidade. Fizemos reuniões com vários professores, pastores das igrejas e comerciantes. Estivemos nas escolas e nas universidades, audiências com o prefeito e o vice eleito e com vereadores. Tivemos audiências em Mossoró com o Ministério público estadual e federal. Os professores agora fala em sala de aula sobre este projeto que traz mal para as comunidades. Os estudantes das universidades de Mossoró e Natal tem ajudado muito. Os estudantes de direito tem estudado o projeto e estão preparando o processo jurídico para dar entrada na justiça. Agora a sociedade civil tomou conhecimentos, antes achava que era um projeto que ia só atingir a chapada de Apodi e não tinha conhecimento do tamanho do prejuízo que ia causar para o campo e a cidade."*

*Luis Vileimar de Carvalho, Assentamento Lage do Meio, Apodi-RN*

*" Eu moro no assentamento Palmares a 12 anos. No Assentamento moram 31 famílias. Temos um bom estado de vida. Todos lá tem os quintais produtivos, tem frutas, tem verdura, tem hortaliças. Criamos nossos animais. Ganhamos, faz pouco tempo, as cisternas de placas. Ainda estão colocando as placas. Agora chega o DNOCS querendo tomar a nossa terra e já quiseram entrar na vila do assentamento mas nós não deixamos entrar. Foram lá de novo e a gente colocou o cadeado no portão."* Ivonilda de Sousa Oliveira, Agrovila Palmares, Apodi-RN.

Os depoimentos dos camponeses e camponesas deixam claro que está em jogo a vida, a cultura e os territórios das populações camponesas do Nordeste. O agronegócio chega onde o Estado Brasileiro permite e dar todas as condições necessárias como no caso do projeto de irrigação da Chapada de Apodi. O desafio é enfrentar a expansão do agronegócio e o Estado. O agronegócio se apropria de todos os bens naturais, expulsa e marginaliza comunidades inteiras com seus projetos diabólicos.

É urgente uma nova reflexão sobre a vida e a natureza com toda sociedade. A construção do modelo agroecológico depende de uma aliança campo e cidade para mudar o Estado. É necessário continuar com os processos de formação e mobilizações para fortalecer as experiências de convivência com o semiárido e o bem viver das comunidades camponesas do Oeste do Rio Grande do Norte.

*"Eu e as minha companheiras do grupo das mulheres estamos juntas e venceremos. Estamos na luta e continuaremos resistindo. O significado do nome do assentamento Palmares é resistência. Então vamos honrar a tradição de Palmares." Ivonilda de Sousa Oliveira, Agro-  
vila Palmares, Apodi-RN*

*"A gente não concorda porque ele quer praticar o mesmo ato que havia antigamente e a gente sabe que não vai dar certo que é tirar a terra deste povo e colocar na mão de 4 empresas ou 5 empresas multinacionais a onde a visão do futuro dela é a exportação, aí como ficam estas famílias, voltar trabalhar escravo, voltar a produzir e não usufruir do que produz, eu acho que isso é o pior crime do mundo é você derramar o suor da sua cara para produzir um alimento e não ter o direitos de comer, de usufruir dele, sem falar da devastação ambiental. Não aceitamos o projeto e vamos resistir de todas as formas." José Holanda, Assentamento Moacir Lucena, Apodi-RN.*

## TRADIÇÕES E NOVOS CONHECIMENTOS

A agroecologia representa hoje uma ciência, uma prática de vida, de relação com o meio ambiente e de produção de alimentos. Articula novas e apropriadas tecnologias com a sabedoria do povo da terra. Um de seus princípios é estabelecer uma harmonia entre homem, mulher e a natureza, para preservar os recursos naturais, oferecer alimentos saudáveis e de forma sustentável. Valoriza culturas, tradições e territórios. A Agroecologia "condena" o agronegócio por ser um modelo atrasado, destruidor da terra, ao meio ambiente, e prejudicial à sociedade. Um modelo sem futuro.



COMISSÃO PASTORAL DA TERRA NORDESTE II  
E-MAIL: [INFO@CPTPE.ORG.BR](mailto:INFO@CPTPE.ORG.BR)  
[WWW.CPTNE2.ORG.BR](http://WWW.CPTNE2.ORG.BR)

2014

